

«Os fãs de *Daisy Jones & The Six* vão ficar encantados com o mundo de *Lady Sunshine*.»

BOOKLIST

Lady Sunshine

TOP
SEL
LER

AMY MASON DOAN

Para a minha irmã



Junho

Uma rapariga, a prima e uma queda-d'água

1999

C hocalho o cadeado que está preso ao portão, passo os dedos pela vedação de rede fria.

Sou a proprietária deste lugar.

Talvez acredite que é verdade se o repetir vezes suficientes.

Há tributos ao longo de toda a base da vedação: conchas, notas, desenhos, ramos de flores. Alguns são recentes, outros são tão antigos que as pétalas estão tesas como pergaminho. Sigo a vedação pelo monte acima, ao longo da costa, e paro num sinal de madeira à altura da cintura que indica o caminho para a queda-d'água. Não estava aqui no verão que cá passei.

O sinal está repleto de palavras e desenhos, tão marcado por mensagens de fãs, que quase não se conseguem ler as palavras originais. Passo as pontas dos dedos pelas gravações: iniciais, símbolos de paz, agradecimentos, declarações de amor. Excertos de letras de canções preferidas. Depois de uma longa viagem para visitarem a propriedade lendária, as pessoas têm de fazer alguma coisa, deixar uma marca, mesmo que seja apenas com uma pedra em madeira amolecida pelo nevoeiro.

Há títulos de canções do último álbum do meu tio, *Três*, gravados por todo o lado. *Coração, Casa, Esperança.*

Folha, Concha, Gota de Chuva.

Anjo, Leão, Violeta. Alguém esculpiu esta última com símbolos em vez de palavras. O anjo é uma referência à minha tia Angela. O leão é o meu tio Graham.

E a violeta. A Willa, a minha prima.

Tenho uma lima de unhas pontiaguda na mala de viagem; poderia acrescentar a minha mensagem às restantes, a minha própria homenagem a este lugar, aos Kingstons. Tentar explicar o verão que passei aqui. Poderia contá-lo como se fosse uma das histórias que eu costumava inventar para a Willa à volta da fogueira.

Esta é a história de uma rapariga, da sua prima e de uma queda-d'água...

Mas não tenho tempo para isso, visto que só tenho sete dias para deixar a casa pronta para ser vendida.

Regresso ao portão, onde o *Toby* está à sombra, a dormir na transportadora para gatos, e vasculho a minha mala de roupa em busca das chaves. Chegaram num pacote da FedEx com uma pilha gorda de documentos que devo ter lido uma dúzia de vezes no avião que apanhei em Boston: milhares de palavras, todas elas aperaltadas em jargão jurídico. E, na verdade, é tudo tão simples. Tudo o que está para lá de vedação é meu, quer eu o queira quer não.

Destranco o portão, levanto a argola do cadeado e subo até ao ponto mais alto do monte, onde o caminho de gravilha se alarga e se transforma em parque de estacionamento, para depois desaparecer e se ver apenas erva. O campo estende-se à minha frente tal como me lembro dele. Chamávamos-lhe «a taça», pela forma como as extremidades se curvam em toda a volta. Uma tigela dourada cavada nos montes, rodeada em três lados por uma floresta verde-escura. A casa, 400 metros à minha frente no topo do monte mais distante, é uma mancha pálida no meio dos abetos.

Fico parada a olhar em meu redor e a ver este pedaço de terra que agora é meu. O Castelo de Areia, tal como era conhecido por toda a gente naquela altura.

Sem as cabras dos vizinhos e os convidados do Graham para impedir o crescimento da erva, o campo ficou bravio e muitas das flores amarelas já chegaram à altura do meu umbigo.

Certa vez, a Willa ficou aqui comigo a olhar para o campo, mostrando-me que, deste ângulo, a propriedade parecia um sol. Como aqueles que uma criança desenharia com um sorriso aberto no meio. Depois de o ver, nunca mais vi outra coisa.

O campo redondo da cor da palha com caminhos sinuosos a permear a floresta em todas as direções, como raios. O círculo da fogueira como olho esquerdo. A piscina elevada como olho direito. O nariz era a fila vertical de bancos e mesas de piquenique no meio do campo onde jantávamos juntos ao ar livre. O sorriso era a fila em curva de carros, motos e autocaravanas no parque de estacionamento.

E tudo pertence ao passado, à exceção da piscina, que está inclinada, caída, com um verde lodoso a substituir o velho azul luminoso.

Deveria voltar para ir buscar a minha mala e o *Toby*, mas não consigo resistir e sigo em frente, em direção ao centro do campo. À minha direita, ao longe, na floresta, o telhado castanho da cabana de empena Guarda-Rios espreita por entre os abetos. Mas não se vê mais nenhuma cabana, agora que a folhagem está muito densa. Ainda bem. Fico mais confiante à medida que vou vendo mudanças em relação ao lugar de que me lembro. Sou capaz de me aguentar aqui durante uma semana. Uma semana sossegada e privada para empacotar as coisas e mandá-las embora.

— Tens a certeza de que não queres que eu vá ajudar? — perguntou o Paul quando me deixou no aeroporto esta manhã. — Podíamos aproveitar para fazermos um fim de semana romântico algures. Sempre quis ir a São Francisco.

— Tens a escola de verão, lembras-te? Seja como for, vai ser uma grande chatice, acredita.

Eu disse-lhe — ao diligente e doce Paul, que todos os alunos do 6.º ano na escola de ensino básico em que trabalhamos esperam ter como professor e que se quer casar comigo — que a viagem *não era nada de mais*. Que estaria fora durante uma semana porque a minha tia da

Califórnia tinha morrido. Que mal a conhecia e tinha de ajudar a preparar a casa onde ela vivia para que pudesse ser posta à venda.

Ele acreditou em mim.

Não lhe disse que a «casa velha» é uma extensa e espetacular propriedade com vista para o oceano Pacífico, repleta de cabanas e anexos e com um estúdio de gravação lendário na cave. Que a terra borbulha com fontes naturais, riachos e quedas-d'água.

Também não lhe disse que a herdei. Toda. Os campos, a floresta, a casa e o estúdio. E o catálogo musical do meu tio.

Não lhe disse que visitei a propriedade quando era adolescente e que, por um pequeno período, há muito tempo, tive a certeza de que ficaria para sempre.

2

Sea Cliff, n.º 4

1979

Sentada no banco de trás do *Lincoln Town Car* preto que me levava de São Francisco para a casa do meu tio, perto do condado de Humboldt, olhava fixamente para as ondas azul-acinzentadas e turvas. Espantada com o que tinha conseguido com a minha raiva.

Tinha 17 anos e estava prestes a passar dez semanas num lugar onde não conhecia ninguém, com familiares que nunca tinha visto na vida. E não podia culpar ninguém a não ser a mim mesma.

O meu pai e a sua nova mulher iam passar o verão na Europa. Uma lua de mel atrasada em França e em Itália. A Patricia tinha sugerido que eu os acompanhasse, mas a perspectiva de ficar em São Francisco, sozinha com a Thea, a nossa governanta, enchia-me de alegria.

A Thea era a única pessoa com quem eu ainda agia como eu própria. Nem ela admitiria menos do que isso. Mas a mãe dela partiu a anca ao tentar mudar as pilhas de um detetor de fumo a meio da noite e a Thea teve de apanhar o voo para casa, em Tucson, pelo que os meus planos de verão ficaram tão estragados como o osso coxal de 72 anos da mãe dela.

Quando disse ao meu pai que queria vir para cá, estava a testá-lo, a desafiá-lo. Tinha a certeza de que ele diria imediatamente que não. O meu pai não via diferença nenhuma entre o montanhoso condado de Humboldt, na costa do Pacífico, poucas horas a norte de São Francisco, e o inóspito Território de Yukon.

Ele respondeu «Está bem» e aumentou o volume do golfe. E enquanto eu estava naquele carro, ele e a Patricia estavam algures do outro lado do Atlântico a fazer um brinde por terem conseguido fazer uma escapadinha a sós.

— Quando tempo falta? — Inclinei-me para a frente no banco.

— Cerca de cinco minutos, menina.

— Obrigada.

Saímos da estrada principal da costa, passámos por uma loja de gelado de creme de leite toda tapada com painéis, uma barraca de surf e uma casa com esculturas de animais em madeira nodosa à venda no pátio da frente. Depois, virámos as costas ao mar e subimos por uma estrada íngreme e irregular de gravilha.

O motorista abrandou e parou.

— Chegámos, menina.

Saí do carro convencida de que o meu pai me tinha enganado e enviado para um acampamento. E um que não era muito bom. Um castigo pela forma como me tinha comportado o ano inteiro. As várias chamadas da diretora Dietz sobre a «reputação» que tinha conquistado, as portas que tinha batido...

Olhei em volta: um campo coberto de ervas daninhas a balançar ao vento. Mesas de piquenique, um círculo de pedras e toros rachados em redor de uma lareira de pedra, um barracão, um chuveiro de madeira ao ar livre com uma única toalha imunda a agitar-se numa cavilha. E, dispersas no meio das árvores desta área aberta e funda, havia cerca de uma dúzia de cabanas castanhas.

Cerrei o punho à volta da nota de cinco dólares que tinha recebido para dar de gorjeta ao motorista.

Ele deve ter reparado na minha confusão, porque disse, um pouco na defensiva:

— Já chegámos. Sea Cliff, n.º 4. — Tirou a minha mala amarela da bagageira e perguntou: — Precisa que a leve à porta?

Depois, olhou para os edifícios ao longe, a pensar seguramente o mesmo que eu: *Que porta, caramba?*

— Não é preciso, muito obrigada, não é longe — gorjeei, ao estilo da Patricia, como se já tivesse estado aqui dezenas de vezes. Entreguei a nota amarrotada ao motorista, peguei na mala e, atrás de mim, consegui ver o *Lincoln* arrancar pelo monte abaixo, deixando a gravilha a tamborilar na base da carroçaria.

Aquilo era a casa do meu tio? Eu sabia que ele era um cantor de música *folk*, cujo sucesso tinha acabado havia muito tempo, e que o meu pai não gostava dele. Não sabia muito mais do que isto. Nas poucas ocasiões em que lhe fizera perguntas sobre a família da minha mãe, ele dera respostas evasivas, afirmando que eram «eternas crianças» ou «anormais».

Não sabia o que esperar. Contudo, certamente não contava com uma cidade-fantasma. Os únicos sons eram o barulho da toalha a abanar junto ao chuveiro — uma bandeira adequada ao local: suja e abandonada — e o vento a suspirar por entre as árvores.

Podia voltar à boleia para São Francisco, onde, pelo menos, teria o meu piano e o meu gira-discos. À noite, poderia ir para a discoteca Teena's DreamTraxx para me esquecer da realidade com um jarro de *Gallo Ruby* partilhado no beco com desconhecidos. O meu corpo, marcado por luzes com as cores do arco-íris, poderia andar à roda num turbilhão até ao fim do verão com todos os outros corpos.

Mas, à distância, no cimo do monte, algo se acendeu. Um ponto branco e luminoso no céu. E chamou por mim.

Havia uma agulha no cimo da estrutura mais alta, um edifício largo, estucado, da cor da areia, que, devido ao tamanho e aos adereços garridos, calculei que fosse o centro do estranho acampamento. Quando me aproximei do edifício, pousei a mala na erva e pus a mão na testa para proteger os olhos do sol. O que, do campo, parecia uma agulha era, na verdade, a ponta de uma chaminé no meio do telhado, os lados construídos em bico para imitar um torreão. O topo estava coberto por

uma camada cor-de-rosa e branca de azulejos perolados dissonantes. Ou... seria mesmo?

— Conchas.

Virei-me e vi uma mulher avantajada com o rosto rosado, uma camisa de ganga de trabalho e tranças brancas compridas atadas no cimo da cabeça, como uma grinalda. Era demasiado velha para ser a minha tia Angela, mas não se apresentou.

— Ele colou-as à velha chaminé com argamassa há uma dúzia de anos para celebrar a conclusão do *Três*. O Frank Lloyd Wright estava a revirar-se na campa. Isto para não dizer que podia ter partido o pescoço lá em cima.

— Mas ficou bonito. Sou a Jackie. — Nenhum sinal de reconhecimento nos olhos verdes com uma tonalidade esbatida. — Pierce. De São Francisco? Vou passar o verão aqui.

— Ah? Kate. — Não mencionou nenhum apelido nem deu nenhuma explicação sobre o que fazia ou que relação tinha com a casa. — Bem, chegaste em boa hora — disse ela. — Eles ainda estão na masmorra a terminar. Algumas semanas atrasados, como sempre. A Wills está acampada na praia e toda a gente sabe que é preciso manter a distância até acabarem. Por isso, tens escolha de poisos. Pessoalmente, eu optaria pela Corrente de Ar.

Wills seria a Willa, a minha prima. Ela era alguns meses mais nova do que eu, segundo me tinham contado. O resto do discurso tinha levantado mais pontos de interrogação do que servido para me oferecer qualquer resposta.

— Corrente de Ar?

A Kate apontou para o outro lado do campo à nossa direita.

— A última cabana do lado norte da taça. A cama é boa e é a mais calma. Viras à direita ao alcançares o abeto alto com a coroa rachada. Depois à esquerda, quando chegares ao cepo que parece uma palheta de uma guitarra, e estás lá.

Queria aquilo dizer que eu não ia ficar na casa principal com a família? Ou seria assim que todos eles viviam, escondidos em árvores como esquilos?

Já tinha avançado dez metros quando ela me chamou — talvez com pena de mim, perdida na floresta com a minha saia-calça engomada e a minha blusa de manga drapeada *I. Magnin*.

— Aproveita e fica com ela antes que as hordas desçam!

— Que hordas? — perguntei num grito.

— Já vais ver.

3

O rei do castelo

1979

Já passava das nove da noite e eu estava deitada na cama da minha cabana a comer rebuçados *Fun Dip*, que tinha comprado na estação de serviço da estrada nacional, e a ler, com a ajuda de uma lanterna, uma *Vogue* de 1960 que tinha encontrado na sala de convívio do edifício principal. Havia montes de revistas velhas naquela sala, além de uma aparelhagem e pilhas de álbuns e discos de 45 rotações em cubículos baixos ao longo de toda a parede, mas a casa parecia tão deserta que não me apeteceu ficar muito tempo.

Passados três dias, continuava sem ver quaisquer sinais da presença de mais alguém, a não ser da Kate. Havia alturas em que a Kate me deixava acompanhá-la quando enchia a piscina elevada ou o jacúzi feito de ripas de madeira, quando ia apanhar mirtilos ou quando punha os lençóis a secar no estendal.

— Fale-me das hordas — perguntava-lhe diariamente.

— Já vais ver — respondia sempre.

Nunca tinha tido tanta liberdade. Podia ter andado mil quilómetros à boleia e ninguém teria reparado. No entanto, passava a maior parte

do tempo numa cabana de 30 metros quadrados. A Kate levanta-se e deitava-se com o sol, pelo que as noites eram longas. E solitárias.

A Corrente de Ar — nome gravado num sinal de madeira queimada pendurado na porta — tinha uma cama de casal frouxa, uma cómoda baixa, de criança, debaixo de um espelho mosqueado, um tapete de tecido com farrapos e uma pilha de caixas de chapéus a fazer de mesinha de cabeceira. As cortinas brancas enviesadas tinham sido cortadas de sacos de farinha e a colcha era uma manta de retalhos de camisas e gravatas de homem. Não havia eletricidade nem água.

Tinha decorado o espaço o melhor que conseguira e arrumado as minhas coisas com gosto na cómoda puída: material de escrita e selos para enviar cartas à Thea, uma embalagem de *Noxzema* e pó *Coty CornSilk* para combater a minha pele oleosa, o meu relógio, sombra para os olhos verde-pérola, tubos de *lip gloss*. Pousara os meus álbuns e discos de 45 rotações de lado contra o espelho.

Não que tivesse como os pôr a tocar na cabana.

Trouxera um póster dos Blondie enrolado, mas esquecerara-me da fita-cola. Por isso, colara-o à porta com quatro pastilhas elásticas bem mastigadas. Um projeto que ajudara a matar 20 minutos.

Na mesinha de cabeceira, pousara apenas um pertence pessoal. À noite, peguei nele e limpei cuidadosamente a moldura com a batinha da minha blusa: a minha fotografia preferida da minha mãe. Estava grávida de mim e usava uma camisola de maternidade branca e ondulante por cima de calças de ganga à boca de sino. Tinha os pés descalços e o cabelo, comprido e cor de mel, estava preso por um lenço vermelho. Estava a preparar o meu quarto. A sorrir para a máquina fotográfica enquanto organizava livros de criança numa estante. Com uma lupa, conseguira ler um título: *The Important Book*, de Margaret Wise Brown.

Voltei a pousar a fotografia na mesinha de cabeceira e virei-a com cuidado para ficar de frente para a cama. Peguei noutra revista e comecei a folhear o papel enrugado pela água. *Jane Fonda não é uma menina do papá... Sophia Loren, a menina de ouro (dos Óscares)...*

É uma pessoa de verão, primavera, inverno ou outono? A rapariga que preencheria o inquérito antes de mim era de verão, mas tinha riscado

os resultados e escrito: «EU SOU DE TODAS AS ESTAÇÕES. NÃO VOU FICAR PRESA A UMA!»

Já gostava desta rapariga. Gostava que estivesse ali em pessoa, e não apenas nuns rabiscos.

Pop-pop! Pop-pop-pop!

Um motor. Velho e com falhas. Desliguei a lanterna e olhei pela janela por cima da minha cama. Um único farol no topo do caminho à entrada: uma mota.

Ao fim de um minuto, o feixe amarelo de uma lanterna desceu o monte para ir ao encontro da luz, como uma fada a saudar a outra no escuro.

Não era a Kate. Eu já conhecia o seu andar brusco e aquela luz andava demasiado devagar e a balançar-se de um lado para o outro com muita languidez. O motor parou e o farol da mota apagou-se.

— Quem está aí, o rei do castelo? — gritou o homem da mota. Estava a rir-se, mas a voz parecia cansada. — Vens até cá saudar um velho maltrapilho ou não?

— Palavras suas, sua senhoria, não minhas. Ora, e como correu a viagem? — Esta voz, do homem com a lanterna, era apelativa e ressoante de barítono, tonitruante e bem acordada, apesar da hora.

Seria o meu tio, portanto. Qualquer outra pessoa a falar assim, com gracejos de velha língua, ter-me-ia aborrecido. Mas aquela voz aveludada despia as palavras do seu carácter odioso e era claro que aquela rotina era uma brincadeira antiga de ambos.

— Tenho o rabo feito num oito — disse a Voz Cansada. — Não paro desde que saí da cidade.

— Deve estar famélico. Sua senhoria gostaria de provar as nossas especialidades antes de se retirar para a sua cabana?

— Caramba, venho com água na boca desde Sacramento a pensar no chili da Kate. O Mitch e a Sooz já chegaram?

— Sua senhoria conhece a Madame Suzette. Sexta-feira pode significar a próxima sexta-feira. — O meu tio deteve-se. — Vai trazer um namorado novo. — Depois, pôs a falsa formalidade de lado e continuou a falar com uma voz normal, sincera e tingida de pena. — O Mitchell chega amanhã. Sozinho.

Um assobio dramático.

— Coitado do Mitch. Não tem sorte nenhuma.

— Ele aguenta-se bem. Este é o melhor local a oeste das Montanhas Rochosas para os que sofrem de achaques do coração.

— Fazes parte desse grupo?

— Tento na língua.

— Pai!

Precipitei-me para os degraus da frente para ver melhor o campo. A minha prima, finalmente. Mas eu estava demasiado longe e não via mais do que uma massa de cabelo loiro iluminado pela lanterna.

— Precisamos de ajuda para carregar as mesas — gritou.

— Já vamos, patroa! — gritou-lhe o meu tio, rindo-se. — Vamos dar-te de comer. Espera até veres a minha Violeta. Está mais alta do que tu. E tenho de te mostrar uma engenhoca para cassetes que me enviaram do Japão. É alucinante. Faz com que a música pareça um *kazoo* debaixo de água, mas, enfim, que raio sei eu...

Tive dificuldade em ouvir mais do que vozes longínquas enquanto via a lanterna do meu tio a balançar do outro lado do campo, a subir o monte.

Permaneci no meu alpendre escuro a observar. Fiquei a ver as hordas a chegarem durante horas, atrás das cortinas de folhas. Três carros, outra mota e algo comprido a chiar: uma camioneta ou caravana. Depois de estacionarem, os visitantes subiam o monte em direção à casa principal. Eram invasores felizes; os gritos que davam ao saírem dos carros, conforme se alongavam depois das longas viagens, eram cheios de alegria.

Havia risos a ecoar pelo campo, portas de carros a bater, nomes a serem gritados.

— Estás com mais uns quilinhos, Kip!

— Ei. Ei, calminha aí.

— A April já chegou?

— ...vem com o Max amanhã à noite...

— Viste o Kingston?

— Vi, lá em cima, na casa. Está com bom aspeto...

Estava curiosa para ver se a Suzette iria chegar com o seu misterioso *namorado* e se a voz do Mitchell soaria tão destroçada como o seu coração, mas não voltei a ouvir os nomes deles naquela noite. Ouvi muitos outros. E muitos pedaços de outros dramas também.

Ouvir estranhos a falarem no escuro não era apenas divertido. Era hipnotizante. Uma sensação viciante de controlo, porque era eu quem decidia quando ligar ou desligar o drama, ao contrário do que acontecia na minha vida, e de escapismo, pois estava fora da minha cabeça, longe dos meus próprios problemas. A pairar sobre outro mundo. Já tinha bastante experiência em ouvir os outros às escondidas em casa e na escola. Mas nunca tinha ouvido nada tão interessante. Eram pessoas adultas, mas pareciam miúdos no primeiro dia de um acampamento de férias. O que os ligava era a expectativa. Imaginei rostos que condissessem com as vozes incorpóreas, histórias que preenchessem o que aquelas sugeriam.

O meu tio não voltou a aparecer; ficou lá em cima, na casa principal. As pessoas foram subindo o monte, em direção a ele. Ouvi passos na gralhinha e anilhas das latas de cerveja a estalarem no ar da noite, mais lanternas feéricas a dançarem no campo e sonoras gargalhadas a ressoarem desde o edifício principal.

Por volta da meia-noite, já não chegaram mais carros, pela uma da manhã, ouvi chapas e gritos na piscina e, por volta das duas, a maioria das cabanas estava iluminada.

Da Tarambola, a cabana mais próxima da minha, o choro de um bebé elevou-se para lá das árvores, mas parou quase de imediato, o som de desespero substituído pela voz grave e tranquilizadora de um homem a cantar *Mockingbird*.

Não conseguia ver os meus vizinhos, mas a voz do pai era cristalina e melodiosa:

And if that diamond ring don't shine...

Entrei e enrolei-me debaixo da minha colcha feita de camisas velhas e gravatas.



De manhã, saí sub-repticiamente na minha camisa de noite e, a partir das árvores, espreeitei para o campo. Havia cor em todo lado: toalhas de praia e de piquenique de cores vivas, vestidos estampados, o sol a bater em cabelo tingido com hena.

Voltei para a cabana, penteei o cabelo com a minha escova redonda até ficar como eu costumava usá-lo: muito arranjado e a enrolar nas pontas, ao estilo da patinadora Dorothy Hamill. Depois, lembrei-me de onde estava e despenteei-o. A roupa que eu tinha trazido era mais problemática. Era tudo demasiado novo, demasiado estilizado. Blusas e saias-calças a condizer compradas na secção jovem da *Saks*, loja que mantinha as minhas medidas e um número de conta da minha família no arquivo. Desejei ter-me munido de umas *Levi's* tão coçadas que fossem quase brancas, saias compridas, t-shirts de concertos deformadas de tão velhas.

Amarrotei uma blusa verde lavada a seco e atei-a com um nó à cintura, enrolei as calças de ganga brancas da marca *Jordache*.

Estava na hora de ver as hordas de perto.

Mas, primeiro, puxei a mala de debaixo da cama. As únicas coisas que não tinha tirado lá de dentro — ambas presentes da Patricia — seriam um bom porto seguro. Precisava de algo para manter as mãos ocupadas, o único conselho razoável que tinha ouvido na terapia. Toda a gente parecia estar ocupada com guitarras, cestos de frutos vermelhos, outras mãos e cabelo comprido de outras pessoas.

O primeiro acessório era um chapéu amarelo que a Patricia encontrara ao fazer compras de antiguidades e emoldurara para pendurar no meu quarto. Queria que eu arrancasse os cartazes de concertos das paredes e a deixasse «renová-las» com o estilo afetado dos bairros ricos de São Francisco. Em vez disso, eu pendurara-o entre os pósteres da Donna Summer e da Debbie Harry só para a irritar. Mas, enquanto fazia as malas, a Patricia passara à frente da minha porta e oferecera-me um baú que não ia levar para a Europa. Por impulso, eu pegara

na moldura e retirara o chapéu. A Patricia observara aquela cirurgia improvisada em choque.

— Vai ser *perfeito* para a praia neste verão — dissera eu a sorrir.

Tinha planeado deitá-lo fora, sem saber que haveria de dar jeito naquele lugar. Podia puxar a aba para baixo, usá-lo como um leque, voltar a puxar a aba para cima. Mas o meu limite era a gipsófila: arranquei-a da aba e atirei-a pela janela.

O outro acessório — o outro presente da «série amarela» da Patricia — era um diário. Ela pensava que comprar-me objetos muito amarelos me transformaria na enteada luminosa como o sol que ela merecia.

Peguei no diário, pus o chapéu na cabeça e aventurei-me porta fora.

4

BlueHour

1999

Tarde, a noite da chegada da Jackie

A cordo com um sobressalto. Música. O som melodioso de uma guitarra, alguém lá fora a tocar muito longe. O trecho complicado no final da *Três*, do Graham, a última canção do álbum com o mesmo nome. Eu estava a acompanhar a canção num sussurro baixo, meio a dormir, a mão direita a tocar o acompanhamento de piano.

Tinha sonhado com os Kingstons. Os três sentados no campo soalheiro. O Graham a tocar com a Willa de um lado e a Angela do outro. O meu tio era como um leão, sempre forte e orgulhoso. Tão adorado. A Willa estava a sorrir-lhe, mas a estender-me o braço, a chamar-me para ir ao seu encontro.

Mas, de repente, faz-se silêncio. Não ouço nada a não ser o farfalhar das folhas. Até o *Toby*, deitado aos meus pés no sofá-cama duro da sala, está em silêncio. Parece tão feliz como quando está em casa, em Boston.

Ao contrário de mim.

Não sei o que estou aqui a fazer. Ou por que razão a Angela me escolheu como herdeira.

Não falávamos há décadas. Haveria, com certeza, outra pessoa que ela poderia ter escolhido. Um dos velhos amigos do teatro ou algum músico amigo do Graham. Certamente saberia que seria muito difícil para mim vir aqui, que eu não queria o dinheiro. E a Angela nunca foi desagradável. Pelo menos, não o era naquela altura. Não fez sentido quando o estafeta da FedEx tocou à campainha da minha casa, em Boston, a pedir-me com a voz aborrecida que assinasse a prova de entrega, e continua sem fazer sentido agora. Como se a berrante tira cor de laranja e branca a dizer «Rasgar aqui» não fosse um rastilho explosivo prestes a deixar a minha vida tão cuidadosamente construída em pedaços...

Estremeço, puxo o cobertor mais para cima dos ombros. Provavelmente, era o rádio de um carro em altos berros na estrada. Um dos *fanáticos* sobre os quais o advogado da propriedade me advertiu ao telefone. Foi a palavra que ele utilizou para descrever os devotos do meu tio, os mesmos que deixam flores e gravam mensagens no sinal da queda-d'água. Não eram fãs, eram *fanáticos*. Alguns tentaram invadir a propriedade ao longo dos anos.

Talvez fosse apenas um efeito do vento.

Mas, na manhã seguinte, quando destranco o meu carro alugado, estacionado na vasta porção de cascalho junto ao portão, volto a ouvi-la.

Aperto a corrente da chave. É real. Não é nenhum rádio nem nenhum sonho. Alguém está a tocar o mesmo excerto da canção que ouvi ontem à noite. Tão bonita... e tão familiar. O som do Graham era sempre consistente de canção para canção, década após década. Um início suave no acorde de si, uma mudança abrupta de escala maior para escala menor ao fim de uns bons dois minutos, mais tarde do que seria de esperar.

— Olá — cumprimento. As palavras saem pouco mais altas do que um suspiro.

O som torna-se mais rico, mais complexo. Hipnotizante, rápido como gotas da chuva a cair subitamente sobre a janela.

Um vizinho? Não. A música está demasiado perto. A casa mais próxima fica a 800 metros de distância, em Gull Lane, ao descer o monte.

Claro. Estão no prado. O pequeno prado de papoilas do outro lado da vedação, à esquerda da estrada. Atravesso a gravilha a correr e subo com dificuldade o caminho cheio de lama e veios de raízes por entre as árvores, em direção à música.

Vejo um homem sentado com a perna cruzada, a guitarra sobre a coxa. Os olhos estão fechados.

Cabelo castanho desgrenhado, barba curta, calças de ganga pretas, uma t-shirt preta desbotada debaixo de um velho *blazer* preto. É mais novo do que eu, talvez não tenha sequer 30 anos. Alto, magro e ossudo, terá metade da largura do meu tio. O rosto é o que a Kate diria ser «bonito antes da primeira cerveja». Será, com certeza, uma das muitas pessoas interessadas que inundaram o meu atendedor de chamadas ao longo da última semana, uma das «ofertas interessantes» que o advogado disse que eu deveria ter em conta: «Passeios de revistas, visitas de clubes de fãs, sessões fotográficas.»

Pergunto-me qual das três quererá ele.

Ao sentir a minha sombra a aproximar-se, o desconhecido abre os olhos, as mãos detêm-se em cima das cordas. O rosto percorre diferentes emoções, as expressões a surgirem tão depressa como ele estava a tocar: surpresa, confusão, timidez, preocupação. A expressão preocupada é a que fica. Sabe que acabou de reduzir as hipóteses que tinha, fossem elas quais fossem.

Tal como o pedaço de terreno no penhasco, com o caminho até à queda-d'água e à praia, a terra onde estamos é oficialmente do estado, não dos Kingstons. (Correção: *não minha*.) Mas, mesmo sem saltar a vedação, dá a sensação de que está a invadir uma propriedade.

Levanta-se, inseguro.

— Jacqueline Pierce? Desculpe. Deixei-lhe mensagens em sua casa. No escritório de advogados não me deram o seu número de telemóvel.

— Provavelmente porque eu não tenho nenhum. — Solto um suspiro, ainda a tentar controlar a respiração entrecortada por ter estado a correr. — Estava a tocar aqui ontem à noite?

— Ouviu-me? Merda. Pensava que o som não ia tão longe. Peço desculpa.

— Não faz mal. — Não tenho a certeza se estou mais aliviada ou aborrecida com a serenata não solicitada, mas explica a minha capacidade de replicar a canção do Graham até à oitava nota no sonho que tive à noite, apesar de ter evitado a música dele ao longo de duas décadas.

— Eu estou hospedado no parque de campismo ao fundo da estrada principal e não há muito para fazer, pelo que não fui capaz de resistir a dar uma caminhada até aqui... O campo continua exatamente como na fotografia, aquela no interior do *Três*, com a banda... no encarte do disco. Deve ter sido tirada de uma escada ou... bem, com certeza que a conhece.

Franze as sobrancelhas, tira a correia da guitarra e coloca-a dentro do estojo, junto aos pés, como se o instrumento fosse o único responsável por me aborrecer.

— Senhor...?

— Oh, que diabo. Nem sequer me apresentei? Normalmente, não sou tão desagradável, juro. O meu nome é Shane. — Apalpa o corpo em busca de um cartão de visita, encontra-o no bolso e estende-mo.

Shane Ingram

BlueHour Music

100 Capitol Dr., West Hollywood, Califórnia

— Lamento muito pela Angela — diz ele, a olhar-me nos olhos. — Éramos mais ou menos amigos.

São as primeiras condolências genuínas que recebi desde que descobri que a minha tia tinha falecido.

— Obrigada.

— Bem, eu tenho um... projeto interessante sobre o qual gostaria de falar consigo. Enviei os pormenores ao advogado, mas... olhe, posso pagar-lhe um pequeno-almoço algures e explicar-lhe tudo? É um pouco complicado.

Eu estou com fome — os restos da sanduíche de fiambre do aeroporto não me serviram de muito esta manhã —, mas não preciso de tomar o pequeno-almoço com o West Hollywood a olhar para mim. A espalhar o charme ou o que quer que seja que ele está a congeminar. Alguma forma de me levar na conversa, suponho.

— Obrigada, mas tenho muito que fazer e não tenho muito tempo. Penso que me pode explicar o seu projeto aqui.

— Certo. Claro. — Respira fundo e começa o discurso que tinha preparado. — Gostava de gravar um tipo invulgar de... álbum de tributo ao seu tio. Aqui, no velho estúdio dele. — Vira-se para olhar para a casa.

Sigo os olhos dele; a ponta branca da agulha de conchas vê-se por pouco sobre o renque de árvores.

O tom é de respeito.

— É onde podemos fazer as coisas bem. Um álbum especial para o 30.º aniversário do *Três*, que se irá celebrar no ano que vem. Algo muito bonito de que ele pudesse orgulhar-se.

— Versões?

Ele volta a olhar para mim.

— Sim, faríamos algumas versões. Mas a maioria das faixas seriam novas. Oito canções novas do Graham Kingston a estreiar ao fim deste tempo todo.

Com o orgulho de alguém que está a oferecer um bilhete VIP, pega num caderno amarelo debotado e estende-mo.

— As letras que ele não gravou.

A minha respiração altera-se: o caderno de ideias do Graham. Andava sempre com ele no bolso das calças de ganga. Nunca se separava da guitarra e do caderno, tal como eu nunca me separava do meu diário no verão que passei aqui.

— Foi a Angela quem mo deu. Visitei-a para lhe perguntar se podíamos fazer versões do *Três* e ela ofereceu-me isso. Pode ver que fez uma dedicatória.

Viro o caderno ao contrário e, nas costas, vejo a letra arrebitada da Angela.

*Queridíssimo Shaue,
Com o meu amor e a minha gratidão,
A. K.*

— O problema é que a saúde da Angela acabou por se degradar muito depressa... não tenho mais nada por escrito.

Aliviada, devolvo-lhe o caderno. Bilhete negado.

— Nesse caso, lamento. Não vai ser possível.

— Não quer sequer abri-lo?

Abano a cabeça.

— Só para ver uma ou duas canções? Porque não? A Angela *adorou* a ideia.

Porque isto já é suficientemente difícil. Vir aqui. Abrir o portão, abrir a porta.

Ele continua o discurso. Diz que as letras são poesia e não podem ficar enterradas para sempre, mas eu deixo de o ouvir. Tenho de o despachar. Cada minuto que passo aqui no campo a ouvir os apelos que ele faz é um minuto em que deveria estar a arrumar a casa. Para dizer adeus para sempre.

Ele fita o céu à procura das palavras perfeitas.

— ... o Graham até introduziu algumas progressões de acordes... e a música inacabada escreveu-se praticamente a si própria. Não estou a tentar enganar-me, sei que o que eu faria não seria mais do que... um... um esboço.

Deixa de falar, por fim. Apesar de tudo, tenho pena dele, aqui sentado com o caderno na mão como se fosse um texto sagrado.

E, mesmo não querendo, acredito no que ele diz. A Angela sempre foi volúvel e crédula. O que ele diz tem tudo que ver com ela.

Mas isso não quer dizer que eu tenha de concordar.

— Lamento — digo. — Vejo que gosta das letras do meu tio. Mas tenho mesmo de ir.

Regresso pelo caminho estreito por entre as árvores.

Um minuto depois, ele está quase a pisar-me os calcanhares, um *snap-snap-snap* agudo de quem está a fechar o estojo da guitarra à pressa.

— Por favor!

Aumento o ritmo enquanto faço uma lista mental de tudo o que tenho para fazer durante a semana, numa tentativa de bloquear a voz dele, quando ouço barulhos de uma escorregadela atrás de mim e ramos a quebrarem. O Shane murmura:

— Merda.

Merda.

Abrando e olho para atrás.

— Está bem?

— Estou. — Sai do meio dos arbustos intacto, lama nas calças de ganga, amoras silvestres no peito como uma espécie de flor na lapela.

— Deixe-me pagar-lhe um café, por favor — pede.

— Não tenho tempo. Só tenho uma semana para arrumar a casa.

Ele detém-se, desolado.

— Quer dizer que a vai vender. Já está decidido. No outono, isto não vai passar de um horrível empreendimento imobiliário.

Estas palavras magoam. Tenho evitado pensar no que irá acontecer depois de entregar as chaves à agente imobiliária no sábado. Não posso deixar que ele perceba.

— Talvez a devesse comprar. Assim, poderá manter cada pedra no lugar. Interessado?

— Não tenho dinheiro para isso. Se pudesse, comprá-la-ia.

Parece tão desiludido que não consigo olhar para a sua cara. Viro as costas e atravesso a estrada de gravilha em direção ao carro, num passo mais acelerado, embora me sinta a amolecer, apesar do ressentimento que sinto pelo juízo de valor que ele está a fazer e até pela sua presença aqui. Deveria ir à casa a ver se encontro algum tipo de lembrança para lhe dar como prémio de consolação. Um botão tirado da mesa de mistura cheia de pó. Um nó de uma franja retirada de um tapete do estúdio. Ele poderia pô-lo num altar e venerá-lo. E depois ir-se embora.

Não quero nenhum tipo de recordação musical dos Kingstons. Pode ficar tudo para fãs como ele, para pessoas cuja ligação a esta família seja tão descomplicada como é imaginária.

Pego nas chaves do carro.

— Peço desculpa, Sr. Ingram. Tenha cuidado ao descer para o parque de campismo. Aquele cruzamento na estrada da costa pode ser perigoso nesta altura do ano.

— Espere um pouco, Jacqueline. Por favor, espere. — A voz falha-lhe. Ele poussa a guitarra no chão, a tentar desesperadamente abrandar o ritmo. — Está bem. Eu percebo, a sério. Tem receio de que eu seja uma sanguessuga. Mas esta é a última oportunidade para fazer isto como deve ser.

Anda de um lado para o outro entre a vedação e o meu carro. Vira-se para a casa, enfia os dedos na rede e inclina a cabeça para trás, para olhar para a casa. Olha para o mundo todo como uma criança que não consegue entrar num parque de diversões.

— Demoraria oito semanas, nove, no máximo — diz ele antes de olhar para mim por cima do ombro. — Para honrar a memória do seu tio?

Já estou no carro, mas quando ele se aproxima e fica em pé junto à porta, cedo e baixo o vidro da janela.

Ele dobra-se, de forma a ficarmos olhos nos olhos, e fala tão baixinho que eu nem tenho a certeza se ouvi bem:

— Não tem de o fazer por mim. Nem pelo Graham, nem sequer pela Angela. Mas o que teria *ela* desejado?

Ela.

A Willa.

Ligo a ignição, carrego no botão automático da janela. Ele afasta as mãos do vidro a subir rapidamente e salta para trás.

Mesmo com a janela fechada e o motor a roncar, ouço a sua voz a falhar novamente de arrependimento.

— Jacqueline, espere. Desculpe ter dito isso! Vamos começar de novo, falar...

Ainda está a suplicar, a estender a mão para o carro como se o quisesse puxar para trás quando eu arranco.

No fundo do monte, onde ninguém me vê, estaciono o carro por baixo de um renque denso de pau-brasil.

E é então que as minhas mãos começam a tremer.

**UMA FAMÍLIA ICÓNICA.
UM VERÃO INESQUECÍVEL.
OS SEGREDOS QUE PERMANECERAM
ATÉ AGORA.**

A vida de Jackie Pierce mudou no verão de 1979, depois de passar três meses de liberdade na companhia do seu tio boémio, o famoso cantor *folk* Graham Kingston. No Castelo de Areia, uma extensa propriedade na Califórnia, juntavam-se artistas de vários tipos em busca de inspiração, oferecendo a Jackie o vislumbre de uma vida muito diferente daquela a que estava habituada. Foi nesses dias quentes e agitados entre a praia e o bosque que floresceu a amizade com a sua prima Willa, numa época em que ambas testavam os seus limites e começavam a entrar na idade adulta. Até que um acontecimento fatídico pôs fim àquele verão idílico, afastando Jackie da família Kingston.

Vinte anos mais tarde, como única herdeira do Castelo de Areia, Jackie tem de regressar à casa dos tios para preparar a venda da propriedade. Porém, decide prolongar a estadia quando descobre que a sua tia Angela havia prometido a um jovem músico a possibilidade de gravar um álbum de tributo ao seu tio no lendário estúdio da propriedade. É assim que, de modo inesperado, Jackie volta a encontrar-se rodeada de artistas, num verão que muito lhe recorda os meses ali passados na sua juventude, ao mesmo tempo que se vê obrigada a revisitar o que aconteceu e a confrontar os segredos guardados desde então.

«Uma história sobre música, segredos de família e perdão.
Lady Sunshine combina de forma astuta a escrita lírica
e um enredo cheio de reviravoltas.»

BOOKPAGE



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt
  topseller.editora

ISBN 9789896234423



9 789896 234423 >